

# OS MONUMENTOS CRISTÃOS DA VILLA DE S. CUCUFATE

J. Alarcão – R. Etienne – F. Mayet

A *villa* romana de S. Cucufate situa-se no concelho da Vidigueira, a cerca de 30 quilómetros de Beja.<sup>1</sup>

A primeira edificação romana no local é atribuível aos meados do séc. I d.C. A essa primeira *villa*, muito modesta, sucedeu outra mais ampla e rica, planeada em torno de um peristilo e erguida no segundo terço do séc. II d.C. Por volta de 360 d.C., o proprietário reconstruiu totalmente a *pars* urbana do prédio. O arquitecto abandonou o modelo comum da *villa* de peristilo e projectou um edifício rectangular de dois andares, com um sistema de vastas divisões abobadadas (destinadas a armazenar a produção?), as quais sustentavam o piso nobre de habitação do *dominus* e da sua família. A planta não comportava peristilo e o alçado não utilizava colunas. O modelo arquitectónico é inteiramente novo e não tem paralelo conhecido, até agora, em Portugal. Alguns mosaicos africanos, designadamente os muito conhecidos do *dominus Iulius* (Cartago) e de Tabarka, apresentam tipos arquitectónicos semelhantes.

A *villa* foi habitada pelo menos até meados do séc. V d.C., como se prova pela importação de sigillatas africanas. Apenas dois fragmentos de *sigillata* focense e um de cerâmica estampada cinzenta poderão ser posteriores a essa data; mas não são fáceis de datar com precisão e não nos parecem incompatíveis com a tese, que defendemos, de um abandono pouco posterior a 450 d.C.

O projecto do séc. IV d.C. incluiu um templo, similar ao de Milreu (Estói, Faro), mas mais

modesto (est. I). Este templo, por certo consagrado originalmente a uma divindade pagã, foi cristianizado em data que não podemos precisar. Como explicar, a não ser pela cristianização do edifício, a presença de sepulturas no peribolo (est. II)?

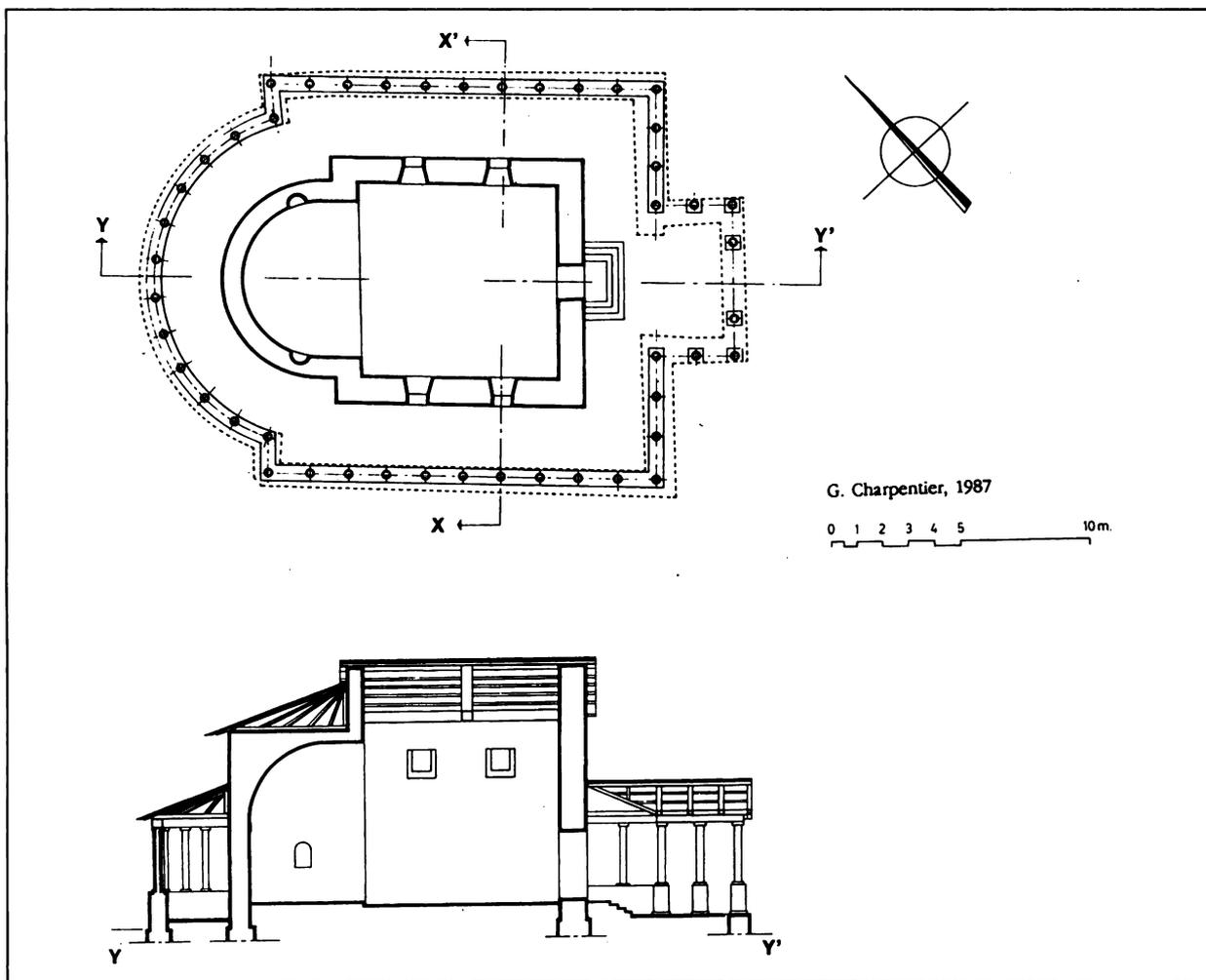
No peribolo encontrámos 14 inumações em caixas feitas de *lateres* e *tegulae* e mais 4 em simples fossa sem paramento. Fora do peribolo, mas encostada a ele, encontrámos uma outra sepultura feita de *lateres* e forrada e coberta de placas de mármore (est. III).

Dada a pormenorizada descrição que fizemos dessas sepulturas (ALARCÃO *et al.*, 1990: 259 s), não retomaremos aqui o assunto. Diremos apenas que alguns fragmentos muito destroçados de *opus signinum* sobre a sepultura T2 (a única com espólio) nos permitem levantar (com bases frágeis, é certo), a hipótese da existência de uma sepultura com *mensa*, tipo até agora só conhecido (em Portugal) na estação romana de Tróia.

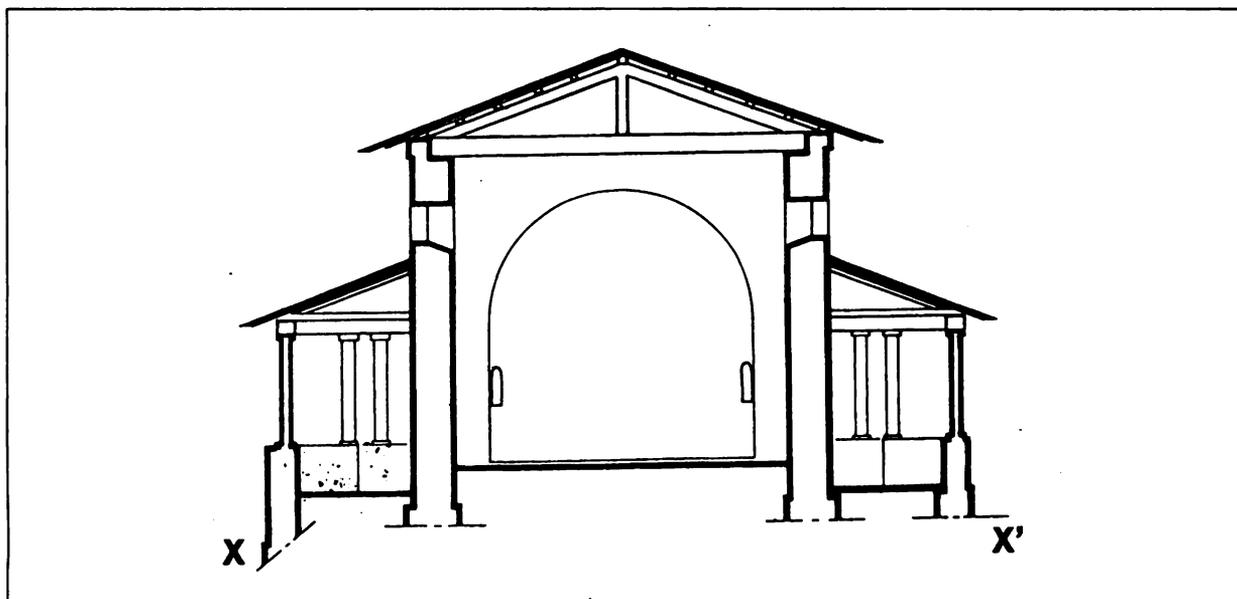
A natureza do espólio encontrado na sepultura T2 e a ausência total de bagagens funerárias nas restantes não permitem datar este cemitério, que pode perfeitamente ter sido iniciado durante a vigência da terceira *villa*, isto é, entre 360 d.C. e os meados do séc. V. Parece todavia difícil admitir uma data tão recuada para uma das sepulturas, T13. Esta é uma caixa feita de quatro placas de mármore decoradas, aparentemente reutilizadas. (Est. III). A análise estilística que fizemos dessas placas (ALARCÃO *et al.*, 1990: 264) levou-nos a atribuí-las à primeira metade do séc. V. Ter-se-á destruído, ainda antes de meados do século, o monumento do qual essas placas fizeram originalmente parte?

Nesta sepultura encontrou-se uma inumação de criança acompanhada de mais cinco crâneos. Ter-

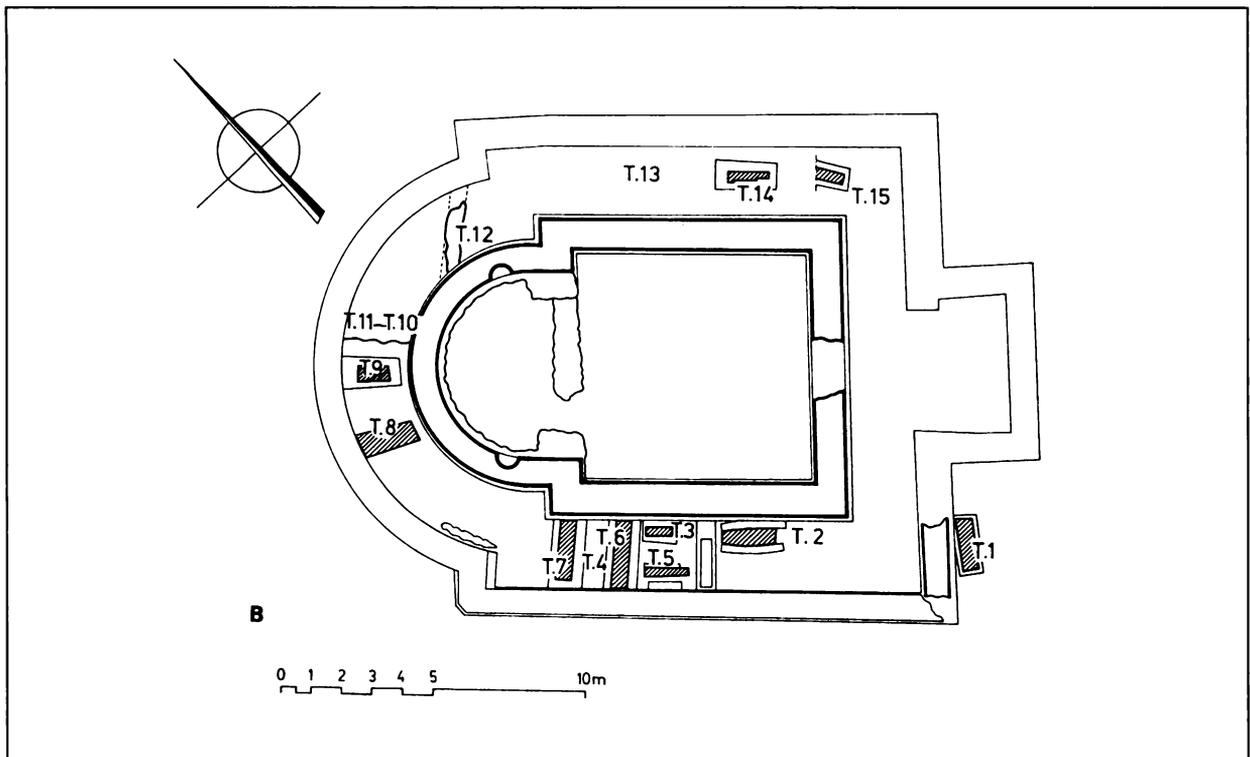
1. O relatório das escavações foi publicado por ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. *Les villas de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990. Referiremos esta obra como ALARCÃO *et al.*, 1990.



Estampa Ia.



Estampa Ib.



Estampa II.

se-ão, aquando da sua instalação, encontrado e destruído algumas sepulturas em simples fossa e guardado na nova sepultura os crâneos correspondentes, que mereceriam mais devoção do que os outros ossos?

Deixemos, porém, este cemitério, prova da cristianização do templo talvez na primeira metade do séc. v d.C. e concentremos a nossa atenção sobre a igreja monástica que aqui se edificou em época visigótica ou muçulmana.

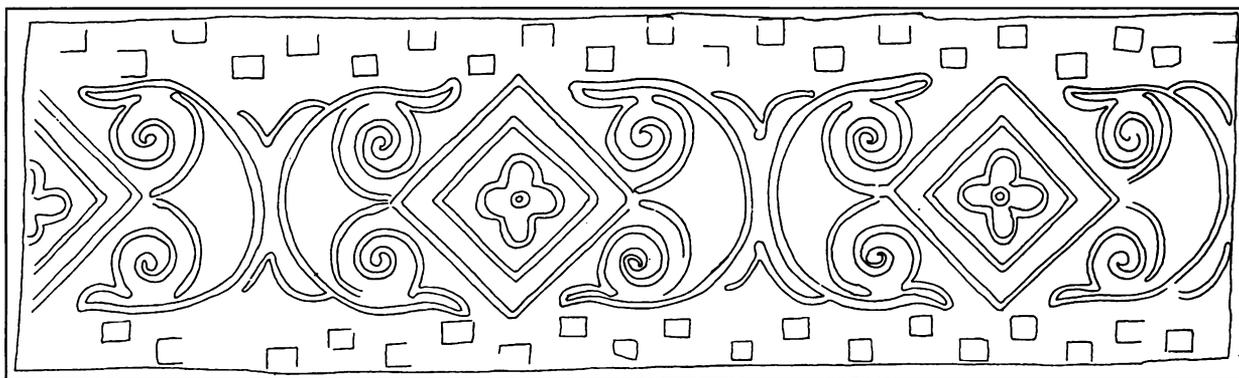
Em 1255, no edifício da antiga *villa* instalou-se um mosteiro que o bispo de Évora concedeu, a pedido do rei Afonso III, aos frades de S. Vicente de Fora de Lisboa. A carta de concessão, datada de 24 de Junho de 1255, é um instrumento precioso, porque nos refere a vinda do bispo, D. Martinho, para consagrar o altar da igreja monástica; e nela se fala de um mosteiro mais antigo, consagrado também a S. Cucufate.

«... *in dicto monasterio ad honorem Sancti Cucufati martyris* –diz o documento– *ecclesiam edificavimus, ymo edificatam invenimus et altare ibidem ereximus ad honorem et laudem gloriosi martyris Cucufati que nos solum auctoritate propria fecimus sed nos ad hoc induxit quare a maioribus nostris factum fuisse didiscimus antiquorum fama publica confirmante*».

«... no dito mosteiro, em honra do mártir S. Cucufate, edificámos uma igreja; ou melhor, encontrámo-la já edificada e consagrámos aí um altar em honra e louvor do glorioso mártir Cucufate; não somente fizemos isso por deliberação própria mas também porque a isso nos levou o sabermos terem os nossos antepassados feito o mesmo, o que é confirmado por tradição antiga e pública».

Houve por conseguinte, em data incerta, um mosteiro consagrado a S. Cucufate, mosteiro que o bispo D. Martinho restaurou em 1255. O abandono desse primeiro convento deve ter-se verificado aquando das guerras que se travaram entre cristãos e muçulmanos pela posse da cidade e da região de Beja, guerras que datam entre 1159 ou 1162 (data da primeira reconquista da cidade) e 1232 ou 1234 (data da reconquista definitiva de Beja). Aliás, nos meados do séc. XIII, como nos afirmou o Prof. Avelino de Jesus da Costa, não se teria colocado sob o patronato de S. Cucufate um mosteiro novo: o culto do mártir barcinense estava então em decadência. A escolha deste santo como padroeiro só foi possível porque, de facto, se tratou da restauração de um mosteiro antigo dessa invocação e não de uma fundação nova.

Quando é que o primeiro mosteiro se instalou na *villa*? Os parâmetros cronológicos são muito



Estampa III.

largos: entre os meados do séc. V (data provável do abandono da *villa* pelo seu proprietário) e os meados do séc. XII (data do início das guerras que levaram à sua deserção pelos frades). A tradição literária atribui a fundação ao «tempo dos Godos» e um autor dá mesmo uma data precisa: 586 d.C. (ALARCÃO *et al.*, 1990: 266). Nada permite ser tão seguros. Não há qualquer texto documental ou epigráfico que nos permita datar a instalação do primeiro convento. O registo arqueológico, por outro lado, é praticamente mudo. Não conseguimos identificar com segurança cerâmicas ou outros materiais da época visigótica ou muçulmana. Cremos, todavia, poder atribuir a este primeiro mosteiro os restos de uma igreja, instalada na área anteriormente ocupada pela residência do *villicus* da *villa* romana. (Est. IV). As ruínas, muito superficiais e em grande parte destruídas por um caminho moderno, não proporcionaram quaisquer materiais que permitam estabelecer a data da construção; mas é óbvio, pela articulação dos muros, que o edifício foi construído quando já estava abandonada e arruinada a residência do *villicus*.

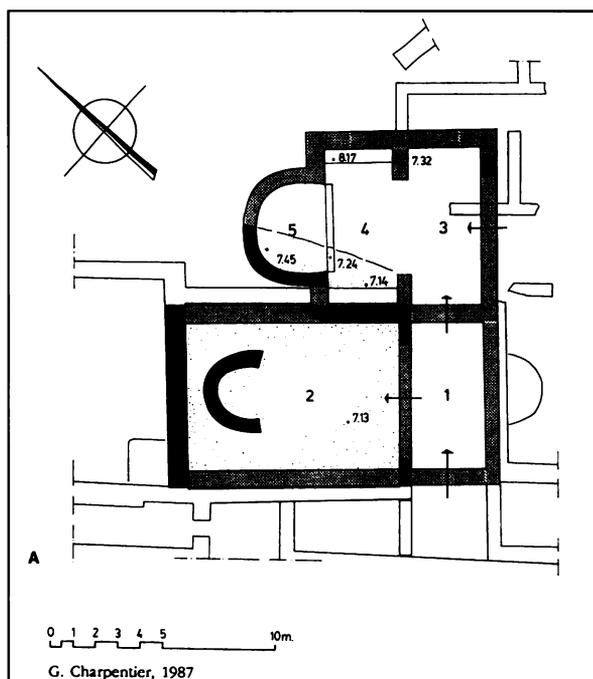
Os muros conservados desta igreja são os seguintes:

1. A metade poente da abside.
2. Parte da parede lateral poente.
3. Um troço transversal, a sudeste, que interpretamos como resto da fachada principal.

Com estes vestígios podemos reconstruir um edifício quase quadrangular (6,90 m de comprimento por 6,70 m de largura), provido de uma abside em arco ligeiramente ultrapassado, ainda que não claramente em ferradura. Os pavimentos do corpo ou nave e da abside desta pequena igreja eram de *opus signinum*.

O pavimento da abside ficava mais alto que o do corpo da igreja; a diferença de cota (0,31 m) era vencida por um degrau de pedra. A nave estava

aparentemente dividida em duas partes por duas pequenas paredes transversais. Com efeito, muros anteriores, de época romana, não foram demolidos até à altura do pavimento da nave. Neles se registam, do lado esquerdo, a cota de 7,49, e, do lado direito, 7,72 m, enquanto a cota do pavimento é de 7,14. Parece-nos evidente que estes muros foram mantidos para distinguir um coro, reservado aos monges, de uma nave acessível aos fiéis. No interior do coro, do lado esquerdo, observa-se uma bancada de 0,67 m de altura. Na realidade, esta bancada não é mais do que a parte inferior do muro do *tablinum* da segunda *villa*, que terá sido demolido (mas não totalmente) por ocasião das obras de c. 360 d.C. e agora reaproveitado como bancada. Parece legítimo reconstituir, do lado



Estampa IV.

direito, uma disposição semelhante. Todos os vestígios foram, porém, destruídos pelo caminho moderno a que já nos referimos. Num ponto onde ficaria a bancada, se o edifício fosse rigorosamente simétrico, observava-se um afloramento rochoso com a cota de 8,17 m. Assim, temos de admitir duas hipóteses:

1. O edifício não era simétrico, tendo a fachada lateral direita passado por cima do afloramento rochoso.
2. O afloramento não foi desbastado, ficando à vista no interior do templo, reduzindo o comprimento da bancada.

Qualquer das hipóteses nos parece admissível.

Se as bancadas serviam para assento dos monges, podemos reconstituir uma pequena comunidade de doze frades.

No espaço que designamos por coro foram encontrados, mas não *in situ*, dois fragmentos de pequenos fustes de mármore que poderão corresponder a colunas situadas na linha divisória do coro e da nave.

A igreja monástica apoia-se a uma vasta sala quadrangular pavimentada de *opus signinum* que foi o *tablinum* da segunda *villa* e que, no projecto

de c. 360. d.C., parece ter sido convertida num pátio descoberto ou eventualmente numa pérgula. Ora, nesta quadra existe uma estrutura singular que talvez se possa relacionar com a igreja monástica. Trata-se de um muro baixo, grosseiramente fabricado de tijolos e pedra, que desenha um hemicíclo com cerca de 4 m de diâmetro exterior. É difícil decidir se a estrutura foi sempre semicircular, ou se o que resta é apenas o vestígio sobrevivente de uma estrutura originalmente circular. No interior deste hemicíclo, o *opus signinum* está destruído, aliás, de forma muito irregular; parece-nos, porém, que essa destruição não é contemporânea da estrutura, podendo ser muito posterior. Difícil é também determinar se este antigo *tablinum* voltou agora a ser coberto, neste caso com uma estrutura de madeira e telha.

Poderemos reconhecer aqui um baptistério? Neste caso, o mosteiro teria funcionado simultaneamente como sede de paróquia.

Apesar de muito arruinados, os vestígios de S. Cucufate permitem-nos reconstituir a planta de uma igreja monástica que, instalada em época visigótica ou muçulmana, funcionou durante o período de dominação islâmica da região.